

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO - RO
RELATÓRIO DA SIVITA AOS ÍNDIOS PAKAAS NOVA (ORO UARI)

03 a 05.07.84

P. I. RIBEIRÃO - 03.07.84

ESTRUTURA DA FUNAI - O que chama logo a atenção quando se chega a um posto da FUNAI (como também às missões estilo antigo) é o complexo de construções, que destoam dos casebres dos índios, logo ao lado. No caso do Ribeirão isso também acontece:

1. Casas de alvenaria - sede do posto
 - enfermaria
 - escola
2. Casas de madeira coberta de zinco - do auxiliar do posto.
 - depósito
 - garagem de máquinas.
3. Material - trator com carroça.
 - trilhadeira
 - motor para puxar água
 - três motores de popa
 - gerador de energia.

Por outro lado não há carro para emergências.

DESPREPARO E ROTATIVIDADE DO PESSOAL DA FUNAI - Numa rápida conversa e visita, deu para perceber o despreparo dos dois funcionários que conhecemos: a professora - modelo MOBRAI - e a enfermeira, com uma metodologia bem questionável, apesar de já ter trabalhado oito anos com os Nambikuara.

Observa-se claramente a falta de um compromisso sério com a causa indígena por parte desses funcionários. Agem como patrões, donos dos índios, ditadores, desrespeitando violentamente as tradições culturais, hierárquicas e mitológicas desse povo.

Outro problema é a rotatividade dos funcionários. Tanto a professora como a enfermeira estão de saída; pediram transferência para o Pará e Mato Grosso.

DOENÇAS - SUBNUTRIÇÃO

A enfermeira informou-nos que o problema principal é a malária. Porém, percebemos também grande número de crianças com a cabeça cheia de feridas (perebas), o que ela diz ser problema no sangue. Solicitaram a presença de um médico para fazer um exame de sangue, entretanto até o momento não foram atendidos.

Também é notória a barriga grande da maioria das crianças, o

que denota a presença de verminose.

Há um visível contraste entre as crianças Kaxarari (onde não há presença permanente da FUNAI); muito bonitas, bem nutridas e saudáveis, com as crianças Pakaa Nova: subnutridas e doentes.

Queixou-se a enfermeira que os índios não deixam amadurecer as laranjas e bananas, comem-nas ainda verdes. Quem vê o estado geral dos índios, bastante subnutridos, pode entender facilmente que a situação de carístia e fome os leva a comer essas frutas antes mesmo de amadurecerem.

Causa pena ver o povo Pakaa Nova. Há vinte e cinco anos atrás vivia forte, saudável e livre na floresta. Hoje porém, extremamente dependentes, reduzido a um bando de "mendigos famintos"...

PATERNALISMO/DEPENDÊNCIA

Esse povo, caçador/coletor e nômade foi, desde os primeiros anos de contato, reduzido drasticamente pelas epidemias e introduzido num sistema de dependência que perdura até hoje. A FUNAI parece nada fazer para superar essa situação, pelo contrário, com uma política paternalista, reforça a dependência.

A FUNAI mantém uma cantina que distribui mercadorias aos índios.

Acreditamos não ser fácil o reencontro do equilíbrio da organização de subsistência desse povo. É de fundamental importância planejar algo para desmontar as estruturas dos postos e reincentivar uma rotatividade de aldeias, onde os índios possam reencontrar suas bases de caçadores.

ESCOLA - NOBRAL/UNIFORMIZADO

De uniforme azul (doado pela FUNAI), encontramos os alunos na sala com um cartaz do nobral "SAPATO", que a maioria nem sabe o que é, porque nunca usou.

Após a aula, eles, uniformizados, pularam no igarapé. O pessoal do posto, indignado disse: "são ainda mal educados, ainda não estão suficientemente civilizados".

O despreparo da professora é muito evidente. Veio do Pará, na esperança de arranjar um emprego na ASEE-RO, Não conseguiu. Foi à FUNAI e hoje está lá no Ribeirão.

P. I. LAGE - BOI SOSSEGO - 04.07.84

A DISTRIBUIÇÃO - O eventual substituto do chefe do posto, Sr.

Enoque, expressou muito bem, com seu depoimento, a realidade dum posto indígena da FUNAI, junto aos ORO UARI.

Algumas índias foram pedir arroz, sabão, açúcar, etc... Enoque dirigiu-se ao depósito e despachou-as, dando-lhes apenas arroz e umas barras de sabão. Não tardou e grande número de mulheres começou a chegar pedindo arroz, Meio a contra gosto e com preguiça, Enoque resolveu pegar somente o arroz que tinha em casa, para distribuir.

Como a maioria não havia levado vasilha, arrumaram uns panos velhos, pedaços de papel e até requisitaram a camisa de um rapaz que estava ali perto, para poderem carregar o arroz.

Durante esse ritual todo, Enoque fez a sua advertência: "Já falei para vocês trazerem as vasilhas quando vem buscar arroz. Outra vez, se não trouxerem, eu mato vocês... de fome... não dou mais arroz".

P. I. RIO NEGRO/OCAIA - 05.07.84

A sede do PI localiza-se à margem direita do rio Negro, afluente do rio Pakaa Nova.

A população é de 260 índios. O professor e enfermeira estavam de férias. Dois missionários do Novas Tribos aparecem esporadicamente na área para dar aula e estudar a língua.

Nossa visita a este PI limitou-se a contatos com o chefe do posto, José Humberto, o qual nos falou da boa saúde dos índios, melhor que em outros postos.

A questão da subsistência parece um pouco mais organizada. Os índios estão fazendo muita roça e a própria farinha. A cantina funciona melhor que nos outros postos. Há também muito peixe no rio.

Os índios estão terminando a construção da pista de poiso, inclusive aumentando mais duzentos metros no seu comprimento.

José Humberto mostrou-se com vontade de sair da área, já que o seu trabalho não conta com o apoio de Dídimo, Chefe da ajudância de Guajará Mirim.

ALDEIA SANTO ANDRÉ - 05.07.84

Localiza-se à margem esquerda do rio Pakaa Nova, possui enfermaria e escola funcionando. Atualmente a escola conta com 80 alunos, em dois turnos. A população da aldeia é de cerca de 270 pessoas. No momento moram dois missionários do Novas Tribos na área. Estes não são vistos com bons olhos pelos índios, enfermeiro e encarregado da aldeia, Sr. Pascoal.

Em conversa com Pascoal, fomos informados de existir graves problemas quanto à alimentação. Os índios extraem borrocha e plantam roça, mas o trabalho não rende muito.

Quanto à saúde, há muitos casos de malária. Somente nestes dois últimos meses, foram registrados 24 casos. Existem também uma incidência muito alta de gripe.

P.I. TANAJURA - 05.07.84

Esta é uma das maiores aldeias dos Oro Uari, localiza-se à margem esquerda do rio Fajó Nova, sua população é estimada em 250 pessoas.

Durante a nossa visita só a enfermeira encontrava-se no posto. O chefe, Eduardo, assim como os professores, estavam fora. Quatro missionários do Novas Tribos, que trabalham na área estavam viajando.

Há muita fraqueza e desnutrição na população desta aldeia. As crianças estão com a cabeça completamente tomada por feridas. A enfermeira informou que até agora ninguém havia descoberto a causa do mal.

PRINCIPAIS PROBLEMAS

DOENÇAS - Malária, Gripe, Micoses e Verminose.

Sem dúvida, a maior doença continua sendo a fome/desnutrição.

Pudemos, além disso, constatar um alto índice de malária, que naquele momento era mais preocupante no PI Ribeirão e Santo André.

No PI Lage, com a mudança para a nova aldeia, Bom Sossego, falaram ter diminuído muito os casos de malária. Havia um surto de gripe bastante forte no PI Rio Negro/Ocaia e Tanajura.

Em Ribeirão, Tanajura e Lage, uma espécie de micose deixou a cabeça da criança cheia de feridas. A enfermeira do PI Ribeirão diz ser problema no sangue.

Não nos foi possível obter informações mais precisas sobre a incidência da Tuberculose e outras doenças contagiosas.

Em todos os postos existem enfermarias, com alguns remédios básicos. Entretanto, os enfermeiros parecem não ter uma preparação mais específica em termos de indigenismo, para uma atuação mais adequada: valorização da medicina própria do grupo, ervas medicinais da região, medicina natural, etc. São mais distribuidores de remédios.

Apesar de ainda existirem os Fajós em praticamente todas as aldeias, estes recebem forte oposição por parte dos missionários da Novas Tribos, impossibilitando quase completamente o exercício de sua função de cura no grupo.

Por outro lado, no Lage, o encarregado do posto nos dizia, que surgiu uma espécie de "doutores" (rapazes) com intuito de "malandragem", para se aproveitar das meninas a serem curadas.

ECONOMIA - SUBSISTÊNCIA - COMERCIALIZAÇÃO - CANTINA

Os Oro Uari foram submetidos a um processo de mudança muito violento em sua economia e subsistência: de uma situação de caçadores/coletores com pequenos cultivos (basicamente de milho), semi-nômades, passaram a ser fixados em torno dos posto do SPI, depois FUNAI.

Foi se criando uma série de novas necessidades, que levou a uma grande dependência da FUNAI e de nossa sociedade. Isto forçou a entrada dos índios no sistema extrativista, basicamente de borracha. Apesar do esforço de impedir que essa nova atividade passe a prejudicar as roças de subsistência e piorar ainda mais o quadro de subnutrição e dependência, tem sido muito violado o ritmo e equilíbrio na organização das roças.

Além disso, em alguns lugares a comercialização da borracha é feita diretamente pelos índios com os regatões. São violentamente explorados nessa transação comercial.

Para minorar esse mal, tem-se procurado introduzir e estimular as cantinas. A única que possuía um pouco de mercaderia no momento da visita era a do Rio Negro/Ocaia, nos demais postos só funcionam os depósitos de distribuição de alimentos e mercadorias, da FUNAI.

POLÍTICA DA FUNAI

CONCENTRAÇÃO DOS ÍNDIOS EM TORNO DOS POSTOS - Nesse momento, praticamente todos os Oro Uari se concentram nas sedes de postos. As últimas aldeias, que se encontravam um pouco mais retiradas, foram chamadas para se deslocar para a beira do rio Faka Nova, formando a Santo André.

Isto significa dizer que os mais de mil e cem Oro Uari gravitam em torno das pesadas estruturas da FUNAI e Diocese de Guajará Mirim, caso de Sagrama. Acrescenta-se a esse quadro desastroso a prejudicial presença dos missionários da Novas Tribos, nos postos: Rio Negro/Ocaia, Tanajura (já há mais de trinta anos) e Santo André.

INTEGRAÇÃO

Em conversa com um dos chefes de posto, Enoque, (estava no Lage, mas foi transferido para o Ribocirão), ele afirmou ter vergonha de dizer a orientação da Ajudância da FUNAI, especialmente do Dídimo, chefe da Ajudância de Guajará Mirim.

MÁ ADMINISTRAÇÃO

Funcionários do próprio órgão oficial mostraram-se bastante desanimados com o administrador da Ajudância - Dídimo -, alguns chefes de posto declararam que ele não tem a mínima competência para exercer o cargo de Chefe da Ajudância. Essa incompetência de Dídimo se reflete em funcionários de todos os níveis do órgão, em sua maioria trabalhando pura e simplesmente pelo salário que recebem.

PROPOSTAS - Elaborados com a Diocese de Guajará Mirim

1 - Dentro duma perspectiva de apoio à caminhada do povo Oro Uari, criar um local - ponto de referência para os índios e de reflexão para quem trabalha de alguma forma nas áreas.

Em princípio, Dom Roberto poderia ser uma pessoa chave nesse esquema. Porém não se pode exigir dele uma maior presença e continuidade em Guajará Mirim.

Neste local se concentraria inclusive todo material e documentação Oro Uari (Pakaa Nova).

2 - Equipe Pakaa Nova (Oro Uari) Uma equipe responsável da pastoral/presença junto ao povo. Integrariam^a essa equipe as pessoas que atuam de alguma maneira com esse povo. Atualmente seria o pessoal de Sagarana, Dom Roberto e Ir. Sabina.

3 - Rediscutir, na medida do possível, o trabalho de Sagarana, sua estrutura, etc...

4 - Preparação de pessoal - Cursos - Os elementos que irão pertencer à equipe, devem participar dos cursos de preparação do CIML.

Porto Velho Ro, 30 julho de 1984

Egon Dionísio Heck

Ernande Sgismundo